

O Impacto da Comunicação dos Coletivos de Emergência Climática na Formação do Pensamento Crítico sobre o Tema¹

Leslie Diorio²

Universidade de São Paulo - USP

RESUMO

É urgente falar sobre emergência climática e, nos últimos anos, este assunto vem ganhando importância nos meios de comunicação e redes sociais. No Brasil, o debate tende a ficar mais intenso graças à realização da COP 30, evento que acontecerá no final de 2025, em Belém, Pará. Em tempos de infodemia é fundamental discutir a atuação dos coletivos com foco em emergência climática na disseminação de conteúdo educativo e mais próximo da realidade das comunidades que vêm sofrendo fortemente os impactos das mudanças do clima. É este o tema da pesquisa - que ainda está em andamento - “O profissional de comunicação como educador: o diálogo entre os coletivos de emergência climática e a sociedade brasileira”³

PALAVRAS-CHAVE: emergência climática; comunicação; educação; movimento social; comunidades.

APRESENTAÇÃO

Uma pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha, no final de 2024, apontou que 34% dos brasileiros não sabem o que são mudanças climáticas. De acordo com o levantamento, 7% dos brasileiros se consideram desinformados sobre o tema sendo que nas classes D e E este percentual sobe para 54%. Apesar de grandes, estes são números que não causam espanto já que comunicar temas relacionados às mudanças climáticas tem sido um dos grandes desafios dos últimos tempos.

Parte da explicação pode estar no fato de que a crise climática não mobiliza a população a ponto de criar um senso coletivo de colaboração. As pessoas se sentem

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação e Educação na Emergência Climática, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Mestranda de linha de pesquisa Comunicação: Interfaces e Institucionalidades, da ECA-USP, email: Leslie.diorio@usp.br

³ Título provisório da dissertação da mestranda Leslie Beatrice Diorio que deverá ser depositada até novembro de 2025.

confusas. Foer (2020) explica que a comoção da sociedade é momentânea, principalmente quando acontecem grandes desastres naturais que causam destruição, mortes e perda de bens materiais. “Temos consciência de seus riscos existenciais e sua urgência, mas, mesmo sabendo que está acontecendo uma guerra por nossa sobrevivência, não nos sentimos imersos nela” (Foer, 2020, p.12). Já Krenak (2022) observa que “os humanos estão aceitando a humilhante condição de consumir a Terra” (Krenak, 2022, p.19).

O crescente interesse pelo assunto mobiliza formadores de opinião como jornalistas, influenciadores digitais, academia, entre outros. No Brasil, a tendência é que essa produção de conteúdo aumente ainda mais em função da realização, em Belém, Pará, da 30ª Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima - a COP 30 - em novembro de 2025. No entanto, a quantidade de informações também pode desinformar. O pensamento crítico nunca foi tão necessário para poder separar o joio do trigo, ou seja, o que é verdadeiro e tem respaldo científico do que é falso. É neste momento que se percebe a importância da educação baseada no que Paulo Freire (1983) chamou de pedagogia da liberdade. “Uma educação para decisão, para responsabilidade social e política” (Freire, p.12, 1983).

Falar a linguagem daquele que vivencia as mudanças climáticas em seu dia a dia pode ser uma saída possível em meio ao caos gerado por tantas informações. Os meios de comunicação se tornam também vias de educação, letramento para uma população que não sabe em que acreditar. Peruzzo (2024) afirma que os conceitos trazidos por Paulo Freire – que não era um estudioso da área de comunicação enquanto área de conhecimento – podem muito bem serem aplicados à teoria da comunicação e para a comunicação horizontal transformadora. Para ela,

A comunicação popular, ou Comunicação Popular, Comunitária ou Alternativa, como expressão de uma comunicação de resistência desde suas origens práticas e teorizações incorporou conceitos de Freire, dentro de uma linha de comunicação libertadora, em analogia à educação libertadora, defendida pelo autor que tanto apreendeu a necessidade de uma educação humanizadora, democrática e transformadora. (Peruzzo, p.21, 2024)

Neste sentido, os coletivos com foco em emergência climática despontam como grandes aliados na construção de conhecimento e saberes sobre o tema. Eles trazem a comunicação popular, em sintonia com a realidade, promovem o pensamento crítico, o diálogo com a participação e direito à palavra, e comunicam para transformar (Peruzzo,

2024). Estudar o potencial educativo da comunicação feita por eles e o quanto o diálogo face a face é usado para engajar é um dos objetivos da pesquisa de mestrado em andamento que será base da dissertação “O profissional de comunicação como educador: o diálogo entre os coletivos de emergência climática e a sociedade brasileira”.

Ao trazer a atenção para a realização da COP 30 – quando os olhos do mundo todo estão voltados para o Brasil – é necessário refletir não apenas sobre a importância dos coletivos, mas também a respeito das diferenças de atuação destas organizações nas diferentes regiões do país. Desta forma, será que os coletivos que atuam na região sudeste trabalham os mesmos temas, usam as mesmas ferramentas, têm a mesma estrutura que os coletivos do norte brasileiro?

A pesquisa traz estes questionamentos e quer entender também o perfil do profissional que trabalha a comunicação dentro destas organizações. Ainda não existem dados oficiais sobre o número de coletivos que trabalham com emergência climática no Brasil. Este levantamento está sendo feito atualmente e é um dos produtos a serem disponibilizados pelo projeto “Como a educomunicação pode ampliar e qualificar as práticas de educação ambiental na Educação Básica no Brasil”, financiado por meio do Programa de Pesquisa em Políticas Públicas e coordenado pelo Núcleo de Educação e Comunicação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo e parceiros. Isso demonstra a relevância educacional destes coletivos e, portanto, a importância de sua comunicação ser estudada mais profundamente.

Para fins de pesquisa de mestrado, optou-se por delimitar o objeto deste estudo exploratório a seis coletivos – três da região Sudeste e três do Norte brasileiro, escolhidos a partir do engajamento da Cúpula dos Povos rumo à COP 30. Além de uma revisão bibliográfica contemplando os eixos temáticos Emergência Climática, Comunicação e Educação, há também a previsão de entrevistas semi-estruturadas em profundidade com os profissionais que trabalham sua comunicação.

Apesar de ainda não haver resultados para serem compartilhados, a reflexão sobre o papel educativo do profissional que trabalha a comunicação dos coletivos de emergência climática passa por algumas hipóteses que serão testadas durante o estudo. Uma delas diz respeito ao perfil do profissional que trabalha a comunicação destas organizações. Uma suposição é que sejam jovens e de formação diversa – não vinculadas a cursos relacionados à comunicação. Isso porque desde 2010, os jovens vêm aumentando

sua participação em movimentos sociais por conta do crescimento de grupos conservadores ou liberais (Gohn, 2022).

Outra hipótese é que os coletivos de emergência climática usem não apenas as redes sociais como ferramenta de engajamento, mas também as reuniões presenciais a fim de estabelecer um diálogo o qual Buber (1923) conceitualizou como sendo a relação Eu-Tu e Eu-Isto, ou seja, com abertura, reciprocidade e profundo envolvimento pessoal, ouvindo aquele que recebe a informação e trabalhando para que essa informação atinja o receptor de uma maneira que o faça compreender os impactos causados pela emergência climática em sua vida. Desta forma é estabelecido, por meio destes encontros pautados na comunicação, um processo de ensino e aprendizagem com base no diálogo. (Peruzzo, p.21, 2024).

Ao explorar a presença do diálogo na comunicação dos coletivos de emergência climática, a pesquisa quer aprofundar sua relação com a transformação social, com a mudança cultural que a sociedade precisa passar para entender a real urgência que o mundo está vivenciando em decorrência das mudanças climáticas. Mais uma vez, testar o que Freire (1979) quis dizer quando definiu diálogo como sendo uma comunicação entre sujeitos, em condições de igualdade e não um depósito ou intercâmbio de ideias ou imposição da própria verdade. (Peruzzo, p.29, 2024).

Por fim, as reflexões propostas neste resumo e que estarão presentes como resultado desta pesquisa de mestrado pretendem discutir o papel da comunicação e, principalmente, do profissional que trabalha a comunicação dentro dos coletivos de emergência climática dentro deste cenário complexo que vem se desenhando nos últimos anos. Caso as hipóteses levantadas acima sejam verdadeiras, será interessante analisar, em uma próxima etapa de estudo, a efetividade das estratégias seguidas quanto ao aspecto educacional da comunicação.

REFERÊNCIAS

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. 1ª edição. Le Books Editora, 2022.

FOER, Jonathan Safran. **Nós somos o clima: salvar o planeta começa no café da manhã**. Editora Rocco. 2020.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 14ª. Edição. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1983.

GOHN, Maria da Gloria. **Ativismos no Brasil: movimentos sociais, coletivos e organizações sociais civis: como impactam e por que importam**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2022.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. Companhia das Letras. 2022.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Fundamentos teóricos da Comunicação Popular, Comunitária e Alternativa**. Vitoria, ES : Edufes. 2024.

SOUZA, Felipe e SALDANHA, Rafael. **Pesquisa: 34% dos brasileiros não sabem o que são mudanças climáticas**. CNN. 2025. https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/pesquisa-tres-a-cada-quatro-brasileiros-nao-sabe-o-que-e-mudanca-climatica/?utm_campaign=sustentavel-news_marco2025&utm_medium=email&utm_source=RD+Station . Acessado em 31/03/2025